

## IMAGENS DA VIOLÊNCIA PRESENTES EM *MINEIRINHO*, DE CLARICE LISPECTOR

Walace Rodrigues<sup>1</sup>  
Márcia Sepúlveda do Vale<sup>2</sup>  
Abraão de Sousa<sup>3</sup>  
Maria Leal<sup>4</sup>

### Resumo

Este artigo busca discutir as interfaces da violência presentes no texto “Mineirinho”, de Clarice Lispector. Na discussão, destaca-se a importância da literatura como um direito humano essencial na vida do indivíduo. A literatura humaniza e enriquece a personalidade e o grupo, porque favorece o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. Nesse sentido, Clarice Lispector é clara na ponderação sobre o sofrimento de Mineirinho, que morreu de forma brutal com treze tiros. A autora, que é a personagem da crônica de mesmo nome, coloca-se no lugar dele, em forma de discurso, ressaltando que a falta de cuidado do homem com o seu semelhante causa a morte da coletividade. Não evitar que um indivíduo morra, por falta de apoio social, é contribuir para uma sociedade de injustiça, como ocorreu com o personagem Mineirinho, que não teve acesso a bens sociais, e provavelmente por essa razão se envolveu no mundo da criminalidade.

**Palavras-chave:** Literatura. Etnocentrismo. Violência. Desigualdades Sociais.

### IMAGES OF VIOLENCE PRESENT IN *MINEIRINHO*, BY CLARICE LISPECTOR

### Abstract

This paper seeks to discuss the interfaces of violence present in the text “Mineirinho”, by Clarice Lispector. In the discussion, the importance of literature is highlighted as an essential human right in the life of the individual. Literature humanizes and enriches the personality and the group, because it favors the exercise of reflection, the acquisition of knowledge, the good disposition towards others, the refinement of emotions, the ability to penetrate into life's problems, the sense of beauty, the perception of the complexity of the world and of beings, the cultivation of humour. In this sense, Clarice Lispector is clear in her reflection on the suffering of Mineirinho, who died brutally with thirteen shots. The author, who is the character of the chronicle of the same name, puts herself in his place, in the form of a speech, emphasizing that

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) e da Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLit). Pós-Doutor – UnB/POSLIT. ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>>. E-mail: walace@uft.edu.br

<sup>2</sup> Professora do Instituto Federal do Tocantins. Mestra em Língua e Literatura – UFT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4508-6085>. E-mail: marcia.vale@ifto.edu.br.

<sup>3</sup> Professor de Língua Portuguesa – SEDUC/TO. Mestre em Letras – UFT. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-2001-2319>>. E-mail: abraodesousa@gmail.com.

<sup>4</sup> Professora de Língua Portuguesa – SEDUC/TO. Mestra em Letras – UFT. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-0147-8917>>. E-mail: mariaozimo2016@gmail.com.

the lack of care of man with his fellow man causes the death of the community. Not preventing an individual from dying, due to lack of social support, is contributing to a society of injustice, as happened with the character Mineirinho, who did not have access to social goods, and probably for this reason became involved in the world of criminality.

**Keywords:** Literature. Ethnocentrism. Violence. Social Differences.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho envolve, inicialmente, conhecer o personagem Mineirinho, através de pesquisa bibliográfica, seguido de reflexões acerca do etnocentrismo, do papel social da literatura e das desigualdades sociais expostas na obra. Como aporte teórico, embasamo-nos nos estudos de Almeida, (2013), Freire (1989), Oliveira (2018), Candido (2017) e Spivak (2010).

A crônica “Mineirinho”, de Clarice Lispector, foi publicada, originalmente, em 1962, na revista *Senhor*, que circulava no Rio de Janeiro entre 1959 e 1964. Trata-se da história de José Miranda Rosa, popularmente conhecido como Mineirinho, um criminoso que foi morto com 13 tiros pela polícia fluminense. O personagem, através da ótica da narradora, é um ser humano comum que podia ser facilmente confundido com qualquer outro. Nele, Clarice aponta para a universalidade dos problemas humanos, suas crenças e rebeldia perante a sociedade.

Ainda, cada sociedade possui um julgamento de valor determinado sobre suas próprias práticas e ideias, e essa visão etnocêntrica sempre esteve presente nas relações humanas, com o perigo de trazer uma série de problemas sociais como preconceitos, incompreensões e, até mesmo conflitos violentos, como é o caso descrito por Clarice Lispector.

Assim, observando o poder universal da literatura, que conforme Antonio Candido, “[...] confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 2017, p. 177), o presente artigo busca discutir as várias interfaces da violência presentes em Mineirinho. Para tanto, o estudo traz a biografia de Mineirinho, a pessoa que inspirou o personagem do texto, assim como reflexões acerca da etnografia, do papel social que a literatura exerce e, das desigualdades sociais vivenciadas por uma grande parte da sociedade.

## 2 MAS AFINAL, QUEM FOI MINEIRINHO?

O fato trazido por Clarice Lispector no texto *Mineirinho* se passa na década de 1960, na cidade do Rio de Janeiro, no Morro da Mangueira. José Miranda Rosa, apelidado pela imprensa sensacionalista da época por *Mineirinho*, em alusão ao seu estado de nascimento, era desconhecido até se envolver em um conflito com o traficante *Cobrinha* e o assassinar com uma garrafada, como podemos ver na obra fílmica, *Mineirinho vivo ou morto*, de autoria e direção de Aurélio Teixeira (*MINEIRINHO...*, 1967).

José Miranda Rosa, *Mineirinho*, embora com apenas 28 anos de idade, já havia em sua conta uma extensa lista de crimes como roubos audaciosos, fugas das forças policiais, prisões e atentados contra a polícia. Era astuto em escapar das tentativas de captura. *Mineirinho* já havia fugido algumas vezes, “[...] duas da cadeia e outra do Manicômio Judiciário onde estava condenado a cumprir mais de um século de prisão [...]” (ALMEIDA, 2013, s/p). Era bem-quisto junto à comunidade em que residia, inclusive sendo reconhecido como “Robin Hood carioca”. “Talvez a mais clara diferença entre o anti-herói inglês e o brasileiro seja a tuberculose da qual o último sofria” (ALMEIDA, 2013, s/p).

Tido como um dos criminosos mais perigosos da época, tanto pela imprensa sensacionalista como pela polícia, chegou a receber o título de “Cangaceiro do Asfalto” (cf. ESTIGARIBIA; AMARAL, 2021). Gozava do apoio das pessoas do morro, que lhe davam guarida quando era cercado pela polícia, e causava pavor entre a classe média e a elite carioca, onde era considerado uma ameaça à sociedade. A audácia das suas ações lhe trouxe fama e o colocou no rol dos bandidos mais procurados da época. Porém, em contraponto as suas ações, Clarice Lispector nos leva a refletir na pessoa do personagem *Mineirinho*, na questão da provável doença mental da qual era acometido, bem como na sua condição social.

Essa fama e sua capacidade de escapar das emboscadas policiais também gerou muitas especulações e lendas a seu respeito, inclusive a de ter “sete vidas” (cf. ALMEIDA, 2013), reforçadas pelos noticiários da época, que descreveram o calçado que ele estava usando quando da sua morte, a saber: do tipo alpargatas, da marca Sete Vidas, um calçado econômico e confortável, bastante usado naquele tempo, como podemos notar na figura 1, de uma propaganda do calçado.

Se *Mineirinho* tinha “sete vidas”, o estado também foi bastante simbólico ao lhe assassinar com treze tiros, para não restar dúvida de que as sete vidas foram liquidadas sem chances de ressurreição. Simbolicamente associado ao número de azar, o 13 na numerologia pode marcar início e término de ciclos; no tarô, o 13 é a carta da morte, o ceifador, não no sentido da morte física, mas da transmutação, do final de um ciclo, a eliminação do supérfluo.

Nesse sentido, o estado toma os treze tiros como o final de Mineirinho. Mineirinho era supérfluo para o estado, manter sua vida era desnecessário, era inútil. As treze balas cravaram a ruína de Mineirinho, assim como o 13º apóstolo traiu Jesus. O sinal de treze no corpo de Mineirinho representa o polo negativo do Arcano Morte, que traz o fracasso, a ruína, a perda, ou seja, a vida se perdeu.

**Figura 1** - Propaganda do calçado Alpagarta Sete Vidas



Fonte: propagandas históricas, 2018.

Todavia, no baralho cigano, 13 é a carta da criança, da ingenuidade, da pureza, da inocência, da imaturidade, da prematuridade. E nesse sentido, a contra narrativa de Lispector, com um olhar humanizado e de direitos humanos, apresenta uma denúncia das condições de desigualdade em que Mineirinho nasceu, cresceu e morreu, sendo representado através do personagem, o destino provável da maioria dos nascidos e marginalizados pelo estado. Em Clarice, podemos constatar que a validade é determinada por quão os excluídos e marginalizados se revoltam contra a estrutura social e as desigualdades a que são submetidos.

Embora a polícia tenha tentado desvencilhar sua atuação e a morte de Mineirinho, fato é que José Miranda Rosa, foi brutalmente caçado pelas forças policiais, tanto que Clarice Lispector conta 800 policiais e 800 metralhadoras para abater Mineirinho, provavelmente, Lispector faça uso da hipérbole para mostrar o tamanho da violência do estado, pois anos depois em uma entrevista declarou: “[...] qualquer que tivesse sido o crime dele, uma bala bastava. O resto era vontade de matar. Era prepotência” (ESTIGARIBIA; AMARAL, 2021, s/p).

Trazer essas representações simbólicas para a interpretação do personagem é trazer também um pouco da subjetividade de Clarice Lispector, que alguns anos depois traz o

personagem Madama Carlota, a cartomante que leu o destino de Macabéa antes do seu trágico final. Clarice, como consta em Alves e Belchior (2017, p. 548) “[...] frequentara uma cartomante chamada Nadir, no Méier, personagem real que, ao que tudo indica, serviu de base para a cartomante de “A hora da estrela.”

Clarice se reconhece no 13º tiro que matou Mineirinho, reconhece-se no outro, na alteridade, para mostrar que a ideia de segurança se garante na eliminação do outro. O que está em voga não é somente a morte do personagem, até porque a autora reconhece os crimes de Mineirinho; mas também a violência e o ódio impregnados nas treze balas. Uma bala mataria Mineirinho, as outras são a marca simbólica do estado, como o estado lida com os excluídos da sociedade, os excluídos da história, que nessa categoria se enquadram negros, indígenas, deficientes físicos e mentais, mulheres, pobres, LGBTQIAP+ etc.

Mineirinho era criminoso e possivelmente já diagnosticado com doença mental, tanto que já havia sido condenado e inclusive preso no Manicômio Judiciário, talvez vivesse no limiar da realidade, pois como consta em noticiários da época, no dia da sua morte havia sido encontrado com alguns adereços simbólicos: o medalhão de São Jorge, o calçado sete vidas e a oração de cinco minutos de Santo Antônio. Havia no criminoso também um outro, como todos nós somos muitos em um, Mineirinho também carregava seus bens simbólicos e lutava com as contradições humanas como qualquer um.

A polícia também fez esse jogo simbólico ao cravar as treze balas em Mineirinho, para marcar a forma violenta e truculenta de como o estado lida com quem ousa se rebelar. Nas reportagens da época é possível identificar esses elementos, conforme trecho do Jornal do Brasil e do Diário da Manhã citados por Guaranha (2011, p. 4-5),

José Rosa de Miranda, o Mineirinho, foi encontrado morto, ontem na Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio, com 13 tiros de metralhadora em várias partes do corpo - três deles nas costas e quatro no pescoço - uma medalha de ouro de S. Jorge no peito e Cr\$ 3.112 nos bolsos, e sem os seus sapatos marca Sete Vidas, atirados a um canto. A Polícia atribui o assassinato do ex-detento "a um seu rival". [...].

O delegado Agnaldo Amado solicitou o comparecimento de um técnico do Instituto de Criminalística. Os peritos Diamantino e Ivã estiveram no local, recolhendo em poder da vítima a importância de 8.120 cruzeiros e uma oração: "Cinco Minutos Diante De Santo Antônio".

Corroboramos com Luís Ribeiro (2021), do canal “Nota Terapia”, do YouTube, quando ele afirma que Lispector traz em seus textos espécies de cartas, fazendo-nos, enquanto leitores, cartomantes, capazes de perceber através dos sinais, os sentidos de seus textos, sendo Clarice a

cartomante do Mundo, que transfigura a realidade através de seus personagens. Ao virarmos as cartas, estamos revelando o mundo em suas diversas dimensões e complexidades.

### 3 ETNOCENTRISMO E LITERATURA: ALGUMAS REFLEXÕES

O modo de observar o mundo ocorre de diversas maneiras. É assim que Freire (1989) se refere em um contexto de alfabetização, na passagem da oralidade para a escrita. A importância do lugar de fala do interlocutor é que vale, ou pode decidir, que direção o discurso deverá seguir. São muitas as interpretações, porque são muitas as visões de mundo. Nesse sentido, Freire (1989, p. 9) é claro ao refletir sobre os contextos sociais: “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto ao ser alcançada por sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.”. Nessa mesma linha, Paulo Freire (1989), pondera sobre a aquisição da leitura, quando confirma que, primeiro é necessário que se leia o mundo, para depois seguir a parte escrita da palavra grafada com sentido.

As oportunidades de acesso às obras literárias devem ocorrer de forma mais igualitária ou equidistante, em que as pessoas, nas suas igualdades de condições, precisam ser respeitadas como tais. Ninguém sabe mais do que outro, mas há saberes diferentes. O olhar hierarquizado precisa de uma reflexão mais profunda oriunda dos pesquisadores, no sentido de respeitar as diferenças individuais ou coletivas. Segundo Oliveira (2018, p. 73),

Etnocentrismo remete ao julgamento de valor de determinada sociedade, de suas práticas e de suas ideias, do ponto de vista da sociedade à qual o observador pertence. Trata-se de julgar os outros a partir de nós. Nesse sentido, o etnocentrismo é uma atitude extremamente presente na relação entre as diferenças humanas, diante das quais pode surgir uma série de representações e ações, como preconceitos, incompreensões e, no limite, conflitos violentos.

O autor aponta para o perigo latente na forma de julgar os outros, a partir da própria visão de mundo. Muitas vezes, esse olhar etnocêntrico constrange e sufoca o subalterno, impedindo-o do falar. Podemos perceber isso, por exemplo, na obra de Spivak (2010), “Pode o subalterno falar?” Essa cientista, que é natural da Índia e trabalha com decolonialidade, faz alguns apontamentos sobre determinados comportamentos, sobretudo à condição da mulher no seu país de nacionalidade, no ritual do sati. Esse ritual é uma forma de imolação do feminino, notadamente o sacrifício da mulher viúva que é morta na pira funerária do próprio esposo, com o fito de preservar uma moralidade social daquela região. Mas quem é mesmo o sujeito



subalterno? Nas palavras de Spivak esse sujeito é heterogêneo, não apenas mulheres. Assim como aponta Spivak (2010, p. 69), “Consideremos agora as margens (pode-se meramente dizer o centro silencioso e silenciado) do circuito marcado por essa violência epistêmica, homens e mulheres entre os camponeses iletrados, os tribais, os estratos mais baixos do subproletariado urbano.”.

A literatura, em uma ponderação de decolonialidade, pode transformar a sociedade a partir do momento em que o sujeito subalterno percebe seu lugar de fala – ele pode mudar a partir da reflexão que se pode fazer a partir da obra de Clarice? Essa expressão é conceituada por Djamila Ribeiro, sendo “[...] como lugar no qual, do ponto de vista discursivo, os corpos subalternizados reivindicam sua existência.” (SANTOS, 2019, p. 361). É interessante ouvir o próprio sujeito, em vez de alguém falar por ele. É o que Almeida (2010, p. 16) aponta no prefácio do livro de Spivak: “Aqui Spivak refere-se ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz de outrem, que se coloca em posição de reivindicar algo em nome de um (a) outro (a).”.

Candido (2017), trata a literatura como um direito humano, e dessa forma como um bem essencial, ao lado de bens como alimentação, moradia, vestuário, instrução, saúde, liberdade individual, amparo da justiça pública, a resistência à opressão; além de valores como crença, opinião e lazer o que não ocorre com o personagem apresentado por Clarice. Para ele, literatura “[...] são todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” (CANDIDO, 2017, p. 176).

Tomada nesse sentido, a literatura tem papel fundamental para a transformação social, que, ainda segundo Candido (2017), humaniza, enriquece a personalidade e o grupo, através de conhecimentos advindos da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão, ou seja, “[...] ao exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (CANDIDO, 2017, p. 182).

No texto *Mineirinho*, Clarice Lispector refuta sobre a condição humana. E, logo no primeiro parágrafo, a narradora-personagem questiona sobre a dor que a morte causa. “É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora” (LISPECTOR, 2015, p. 135). A forma como *Mineirinho* foi

assassinado é que chama a atenção da narradora, que apesar de conhecer a fama do assassinado, não merecia ter morrido com treze tiros. Outro ponto a ser abordado é a fala do personagem cozinheira, que diante de todo o acontecimento sobre a morte de Mineirinho, ponderou, “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu” (LISPECTOR, 2015, 135).

Percebemos o misticismo religioso através da presença de um dos sete mandamentos. A narradora parece acreditar em salvação e faz até um apelo, afirmando que o mandamento de “Não matarás” deve ser obedecido, e que, ao matar alguém, o assassino estará condenado à escuridão. “No entanto, a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.” (LISPECTOR, 2015, p. 134).

O conflito religioso sobre assassinato, quem mata não se salva, ter matado representa a escuridão, a primeira lei protege corpo e vida, que são insubstituíveis. Há uma desesperança angustiante no comportamento da personagem narradora, percebido na maneira como ela conta os pontos cruciais para a efetivação da morte de Mineirinho. O primeiro e o segundo tiros não causam espanto; o terceiro traz uma sensação de alerta; entretanto, o quarto tiro, já aponta para um comportamento de desassossego; o quinto e o sexto tiros deixam-na envergonhada; o sétimo e o oitavo tiros fazem o seu coração bater de horror; a sua boca fica trêmula ao ouvir o nono e o décimo tiros; no décimo primeiro tiro, há o chamado do nome de Deus, ao passo que no décimo segundo, é chamado o nome do seu irmão. Finalmente, no décimo terceiro tiro, ocorre a morte da narradora, com a justificativa de que ela é o outro, e quer ser esse outro. Assim, ao contrapormos a narrativa com o funcionamento da sociedade, observamos que também os seus elementos estão sendo “baleados”, ou seja, retirados aos pouquinhos. E ninguém está salvo, apesar de existir toda uma estrutura “organizada” pelo Estado, para combater a criminalidade.

Diante desse acontecimento, o que se pode concluir é que existe a falsa ideia de segurança promovida para a paz das pessoas. Entretanto, essa segurança é apenas um disfarce, como aponta Lispector (2015, p. 134):

Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde a nova casa poderia ser erguida.



A necessidade de fazer de conta que a justiça funcione é latente na passagem anterior, pois a normatização moral e civil sobre os corpos exerce neles uma tentativa de docilidade social, marginalizando os que fogem às regras sociais “aceitáveis”.

#### 4 NAS ENTRELINHAS DA VIOLÊNCIA: IGUALDADE SOCIAL E JUSTIÇA

Os treze tiros desferidos em Mineirinho são de responsabilidade apenas desse personagem considerado facínora? A narradora é clara no tratamento dessa situação, e, aponta a sensação falsa de segurança em que vivemos. Ela busca um tratamento de alteridade,

Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver. Como não amá-lo, se ele viveu até o décimo terceiro tiro o que eu dormia? (LISPECTOR, 2015, p. 134).

É a partir desse ponto que percebemos a vulnerabilidade social e a necessidade de políticas públicas (cf. RODRIGUES, 2018, 2019, 2022) para acesso aos bens sociais necessários à vida plena de todas as pessoas. Não seria necessário esperar os treze tiros para eliminar um “problema social”. A própria narradora chama atenção para o erro e de quem é o erro. Há alguém ainda vivendo e resistindo a tiros. Ainda não chegou no décimo terceiro.

No texto "Mineirinho" é possível perceber o arrependimento tardio ou ineficaz que o Código Penal Brasileiro<sup>5</sup> e os livros que explicam as leis, quando tratam o personagem como um ser já perdido. No caso de Mineirinho, a narradora faz o questionamento sobre a violência como aquela praticada por um filho, o que não recebeu cuidados do seu pai. Há ainda uma alerta para que se tome atitude de cuidado sobre os outros. Os homens são responsáveis pelos problemas sociais. Lispector destaca a possibilidade de recuperação de Mineirinho por alguém que pudesse ajudá-lo: “A violência rebentada em Mineirinho que só outra mão de homem, a mão da esperança, pousando sobre sua cabeça aturdida e doente, poderia aplacar e fazer com que seus olhos surpreendidos se erguessem e enfim se enchessem de lágrimas.” (LISPECTOR, 2015, p. 134). Por falta da prevenção ao crime, a sociedade inteira é punida, em que se percebe

---

<sup>5</sup> “Art. 65 - São circunstâncias que sempre atenuam a pena: [...] III - ter o agente: b) procurado, por sua espontânea vontade e com eficiência, logo após o crime, evitar-lhe ou minorar-lhe as consequências, ou ter, antes do julgamento, reparado o dano;” (BRASIL, 1942, não paginado).

um resultado quisto, pois embora houvesse preocupação com os atos dos treze tiros, nada foi feito para evitar que a morte se consumasse, causando um castigo para toda a sociedade, que fica tentando se proteger, em suas mansões, dos ataques de muitos criminosos, que muitas vezes são vítimas dessa própria sociedade.

Por não ter conseguido evitar a morte, aparece o arrependimento ineficaz, e a narradora se comove, apesar de não ter contribuído para prevenção do crime, em que ela também foi vítima. Lispector (2015, p. 134) afirma: “Só depois que um homem é encontrado inerte no chão, sem o gorro e sem os sapatos, vejo que esqueci de lhe ter dito: também eu.”. Morar muito bem, em casa luxuosa, não significa paz, nem segurança consigo mesmo. Por isso a narradora reflete sobre justiça, sobre o que é ser divino, sobre a consideração que o homem deve ter pelo seu semelhante. É nesse sentido que Lispector (2015, p. 134) afirma ainda que “Já era tempo de, com ironia ou não, sermos mais divinos; se adivinhamos o que seria a bondade de Deus é porque adivinhamos em nós a bondade, aquela que vê o homem antes de ele ser um doente do crime.”.

Diante de tudo o que ocorreu com Mineirinho, a narradora faz apontamentos sobre querer entender as coisas, sobre fazer-se de sonso etc. Essa tal razão de querer explicar tudo é que pode configurar em sofrimento. A falta de oportunidade para Mineirinho, que pode ter tornado esse personagem em criminoso, como aponta Lispector (2015, p. 135): “Essa coisa que fica muda diante do homem sem o gorro e sem os sapatos, e para tê-los ele roubou e matou; e fica muda diante do S. Jorge de ouro e diamantes. Essa alguma coisa muito séria em mim fica ainda mais séria diante do homem metralhado.”.

Não é preciso entender, pois o entendimento pode trazer consequências drásticas para as relações sociais, é o que se depreende de Lispector (2015, p. 135), quando afirma que: “Se eu não fosse doido, eu seria oitocentos policiais com oitocentas metralhadoras, e esta seria a minha honorabilidade.”. Clarice finaliza a narrativa colocando todos os homens como responsáveis uns pelos outros. Caso contrário, ocorrerá a animalização de um elemento, como aconteceu com Mineirinho: “Até que viesse uma justiça um pouco mais doida. Uma que levasse em conta que todos temos que falar por um homem que se desesperou porque neste a fala humana já falhou, ele já é tão mudo que só o bruto grito desarticulado serve de sinalização.” (LISPECTOR, 2015, p. 135).

Nas relações sociais faz-se necessário se ter alteridade, colocar-se no lugar do outro, entendendo a justiça como uma ferramenta que torne as pessoas mais livres. “Uma justiça que não se esqueça de que nós todos somos perigosos, e que na hora em que a justiceira mata, ele

não está mais nos protegendo nem querendo eliminar um criminoso, ele está cometendo o seu crime particular, um longamente guardado.” (LISPECTOR, 2015, p. 135).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou compreender como ocorrem as relações sociais, sob o olhar da personagem-narradora do texto *Mineirinho*, de Clarice Lispector. Vale ressaltar que essa narradora, embora seja um texto ficcional, é a própria Clarice, que reflete sobre a condição vivida por José Miranda Rosa, o *Mineirinho*. Esse personagem, com passagem pela polícia e pelo manicômio judiciário, devido a condutas criminosas, como aponta a imprensa sensacionalista, era visto por muitos como uma pessoa benquista na comunidade em que vivia. Pela sua situação de criminalidade e por conseguir escapar de emboscadas policiais, houve muitas especulações e rendeu a ele a alcunha de possuir sete vidas. Pelas características apontadas, *Mineirinho* possuía uma condição social precária, haja vista que quando de sua morte, ele estava usando alpargatas da marca sete vidas, sendo este um calçado econômico e confortável na sua época. A narrativa nos traz várias questões simbólicas, possuir sete vidas, utilizar um calçado com o mesmo nome; e ainda a forma do assassinado, com 13 tiros, como é de conhecimento de muitos, esse número é considerado de azar.

A subalternização está presente nos grupos com menor poder econômico e intelectual. Nesse sentido, é que Antonio Candido apresenta a literatura como um importante instrumento de transformação social e como um direito humano essencial. Os termos utilizados pelo teórico literário, como compressíveis e incompressíveis, é que apontam quem deveria definir o que é essencial ou não ao indivíduo. A literatura é colocada como bem importante e essencial, porque ela proporciona o exercício da reflexão, ao mesmo tempo em que humaniza, enriquece a personalidade e o grupo, por meio de conhecimentos advindos da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão.

A cada vez que se mata um ser vulnerável, uma parte da sociedade é também morta. É isso que se pode apreender da fala da narradora no texto, que se percebe em posição de omissão, por morar em um lugar seguro, uma casa bem construída, e isso proporciona uma sensação de segurança, apesar de ouvir todos os problemas acontecerem, como percebido na metáfora dos treze tiros que ceifaram a vida de *Mineirinho*, pausadamente.

A reflexão de Clarice Lispector nos traz a possibilidade de entender que é preciso nos reconhecermos uns nos outros, assim como a própria autora menciona, e ao mesmo tempo alerta

sobre a ideia de garantir a segurança, que é eliminando um outro ser humano. O exagero na execução de Mineirinho é violento e impregnado de ódio, perceptível nos disparos dos treze tiros, sendo que uma só bala o eliminaria. Outro ponto destacado e observado a partir da análise do texto em questão, é a fala proferida a partir do ponto de vista da narradora em comparação com a fala da outra personagem, que é uma empregada doméstica. Nesse momento, percebe-se a leitura muda de cada uma. O julgamento da empregada, que até preferia não emitir sua opinião, foi de que todos sabiam das atitudes criminosas de Mineirinho, e conclui, logo em seguida, que mesmo dessa forma, suas ações não o impediriam de chegar ao céu.

Pode-se destacar o estado de vulnerabilidade vivido por Mineirinho, em contraponto com o modo confortável em que se encontra a narradora do texto. Portanto, vale retomar as palavras de Candido (2017), em que ele aponta a necessidade da instrução por meio da literatura, por ela ser um instrumento consciente de desmascaramento e de focalizar as situações de restrição ou negação dos direitos humanos e de que, o que há de grave na sociedade brasileira é a manutenção, na maior dureza, da estratificação das possibilidades, tratando como bens compressíveis muitos bens que são incompressíveis; e essa escolha, geralmente é realizada por alguém que fala no lugar do subalterno, tomando como exemplo, afirmar que tal família não deve ir ao cinema, porque isso não faz parte do costume dela, ou de que não se deve tomar café pela manhã, porque não se deve saber o que seria ter uma refeição nesse período do dia.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elizama. Quem foi Mineirinho: bastidores de uma crônica. **Clarice Lispector, Ensaios**. [São Paulo], 31 maio 2013. Disponível em: <https://site.claricelispector.ims.com.br/2013/05/31/quem-foi-mineirinho-bastidores-de-uma-cronica> Acesso em: 26 dez. 2022.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart de. Prefácio: apresentando Spivak. *In*: SPIVAK, Gayatri Chacravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ALVES, Sérgio Afonso Gonçalves; BELCHIOR, Poliana Sales. Vida nua e questões de alteridade em A Hora da Estrela. *In*: HUMANIDADES NAS FRONTEIRAS: IMAGINÁRIOS E CULTURAS LATINO-AMERICANAS, 1., 2017, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos** [...]. Foz do Iguaçu: UNILA; UNIOESTE, 2017. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/3576;jsessionid=B8596975C6DD0D586BC7D97549D7FCD7> Acesso em: 14 jan. 2022.

BRASIL. **Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940.** Código Penal. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1942. Disponível em:  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm) Acesso em: 13 jan. 2022.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 6. ed. 1. reimpressão. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

ESTIGARIBIA, Jéssica Costa; AMARAL, Raphael Pires do. Mineirinho a Lázaro: uma Clarice que habita em nós. **Migalhas de Peso**. [São Paulo], 16 set. 2021. Disponível em:  
<https://www.migalhas.com.br/depeso/351702/mineirinho-a-lazaro-uma-clarice-que-habita-em-nos>. Acesso em: 26 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GUARANHA, Manoel Francisco. Crime e castigo, aspereza e humanidade: aspectos discursivos da representação da realidade na crônica “Mineirinho”, de Clarice Lispector. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 12., 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: ABRALIC, 2011. Disponível em:  
<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0809-1.pdf> Acesso em: 27 dez. 2022.

GUIMARÃES, Iza Vanesa Pedroso de Freitas; GUIMARÃES, Ed Carlos de Sousa. Treze tiros: violência e crime em Clarice Lispector. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL HISTÓRIA, 7., 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/conf-I.php> Acesso em: 13 jan. 2023.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

MINEIRINHO vivo ou morto. Direção: Aurélio Teixeira. Produção: Aurélio Teixeira. [S. l.]: Produções Cinematográficas Herbert Richers, 1967. (90 min).

O DIREITO à literatura. **Revista Prosa Verso e Arte**. [S. l., 20 jan. 2020]. Disponível em:  
<https://www.revistaprosaversoarte.com/o-direito-a-literatura-antonio-candido> Acesso em: 13 jan. 2023.

OLIVEIRA, Allan de Paula. **Antropologia**: questões, conceitos e histórias. [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2018. *E-book*. [BV Pearson]. Disponível em:  
<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/161681/pdf/1> Acesso em: 16 dez. 2022.

REIS JÚNIOR, Dalmir Reis. Alpargatas Sete Vidas – 1960. **Propagandas Históricas**. [S. l.], jan. 2018. Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2018/01/alpargatas-sete-vidas-1960.html>. Acesso em: 27 dez. 2022.

RIBEIRO, Luís. **Especial Clarice Lispector**: nossos trechos preferidos e mais sobre suas obras | Papo de Livro #9. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (74 min). Publicado pelo canal NotaTerapia. Disponível em: <https://youtu.be/h5L99I6y958> . Acesso em: 12 jan. 2023.

RODRIGUES, Wallace; BORGES, Thelma Pontes. Compreendendo a corrente das vulnerabilidades sociais brasileiras: o caso da educação pública. **Revista Querubim** – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais. UFF, ano 15, nº 39, v. 6, p. . 55-79, 2019.

RODRIGUES, Wallace. Considerações sobre vulnerabilidades na obra “O quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus. **Revista Humanidades & Inovação**. UNITINS, v. 9, n. 7, p. 48-55, 2022.

RODRIGUES, Wallace. Pensando Relações entre Educação Popular e Vulnerabilidade Educacional. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**. UTP, v. 13, n. 33, p. 287-298, 2018.

SANTOS, Gilney Costa. Ribeiro D. O que é lugar de fala? **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n. especial 8, p. 360-362, dez. 2019. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/3MRGs8LXFfbLmgC6J4gTLcb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 dez. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chacravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

*Submetido: 07/07/2023*

*Aceito: 23/05/2024*